REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

DEBAIXO DO CALÇAMENTO[1], A AULA! ARTE, BAIRRO E AÇÃO SOCIAL

UNDER THE COBBLESTONES, THE CLASSROOM! ART, NEIGHBORHOOD AND SOCIAL ACTION

Ana Laura López de la Torre[2]
Universidad de la Republica - UDELAR, Montevidéo/Uruguai

Carmen Lúcia Capra [3]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Montenegro/Porto Alegre, RS/Brasil

Resumo: Este texto é a tradução da palestra da artista e professora uruguaia, Ana Laura López de la Torre, em 8 de julho de 2023, no I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação, realizado na Unidade Litoral Norte da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Inicialmente, contempla sua trajetória artística, política e docente em Porto Alegre (RS) e em processos de cocriação realizados entre universidade e bairros em Montevidéu, sob sua coordenação. Narrando práticas implicadas com artes visuais, bairro, coletividade e autogestão, também trata de efeitos da pandemia de Covid-19 e dos marcos teóricos, conceituais e metodológicos que fundamentam suas práticas. A escrita mantém a vivacidade da expressão da conferência e algumas imagens contextualizam o que foi apresentado.

Palavras-chave: Artes visuais. Bairro. Cocriação.

Abstract: This text is the translation of a conference by Uruguayan artist and professor Ana Laura López de la Torre, delivered on the 8th July 2023 at the I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação, which took place at the Unidade Litoral Norte da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Initially, it contemplates her artistic, political and teaching trajectory in Porto Alegre (RS) and in co-creation processes developed between the university and neighborhoods in Montevideo under her coordination. Narrating practices involved with visual arts, neighborhood, community and self-organization, it also deals with the effects of the Covid-19 pandemic and the theoretical, conceptual and methodological frameworks that underpin her practices. The writing maintains the vivacity of expression at the time of the lecture, and includes images that contextualize the presentation.

Keywords: Visual arts. Neighborhood. Co-creation.

---

1 Menção ao *graffiti* situacionista "*Sous les pavés, la plage*!", em Paris, maio de 1968. Ver: https://www.theartstory.org/images20/works/situationist_international_8.jpg

2 Professora titular da *Facultad de Artes* da *Universidade de la República* (Montevidéu, Uruguai) e da Pós-graduação no curso de Especialização em *Gestión Cultural, del Área Social y Artística* da mesma universidade.

3 Professora e pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) na Graduação em Artes Visuais: licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), foi a tradutora da conferência.



Gostei quando cheguei aqui e vi a apresentação desse evento com as lagoas de Osório[4], porque, nesse encontro, organizado pelas amizades da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), estamos compartilhando um território hídrico. Estamos sobre o Aquífero Guarani, que não respeita as fronteiras políticas coloniais, mas também estamos compartilhando um território afetivo, como o rio de toalhas que, desde 2013, estão sendo bordadas no Brasil, em Montevidéu, e, agora, também em Buenos Aires[5].



Encontro de bordado da Rede Hilo_Fio em 6/7/2023, no Parque da Redenção, em Porto Alegre. Fotografia de Eliane Bruél (2023).

4 O evento, coordenado pela professora Carmen Capra, e a sua identidade visual podem ser conhecidos em: https://grupoflume.com.br/index.php/encontro-internacional/

5 Trata-se da Rede Hilo_fio, um conjunto aberto de ações colaborativas, intervenções urbanas e projetos de pesquisa que tem em comum a prática do bordado coletivo, realizado em praças, quilombos urbanos, hospitais e outros espaços públicos, em tecidos de grandes dimensões. Desde 2013 como rede, as rodas de bordado são desdobramentos dos trabalhos artísticos e docentes de Ana Laura Lopez de la Torre (Montevidéu), Thereza Portes (Belo Horizonte, MG), Ana Flávia Baldisserotto (Porto Alegre, RS), Carmen Lúcia Capra (Porto Alegre e Montenegro, RS) e Gabriela Alonso (Quilmes, Buenos Aires).

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Não queria deixar de mencionar esse território hídrico compartilhado, esse território da Nossa América[6]. Sei que estão passando por ciclones e inundações em Porto Alegre e arredores e queria começar falando um pouco sobre o contexto atual de crise planetária. Enquanto vocês estão embaixo d'água, tão perto, no Uruguai, estamos a três anos em estiagem. A represa que abastece Montevidéu e metade do Uruguai é a Represa San Severino e seu estado atual reflete os efeitos da seca. As pessoas sabem perfeitamente que a represa vazia e com o fundo exposto é o resultado da pilhagem da Nossa América, do saque dos recursos naturais pelo empreendimento extrativista instalado em nosso continente, que consome as reservas naturais, incluindo a água. Em Montevidéu, a única alternativa que hoje resta às pessoas é expressar-se escrevendo frases pela cidade em protesto. Há algumas mobilizações nas ruas, com muita repressão policial, mas poucas mobilizações cidadãs sobre isso, ainda que estejamos sofrendo muito com isso.



Manifestações em Montevidéu. Fotografias de Ana Laura López de la Torre.

A situação é absurda pelas declarações do governo. Nosso Ministro do Meio Ambiente, Robert Bouvier, disse que, tecnicamente, a água que está saindo das

6 Nossa América é uma referência direta ao título do ensaio político do intelectual cubano José Martí (1853-1895), chamando a união e a soberania entre os povos latino-americanos.



torneiras não é potável, mas é bebível. O Presidente, Luis Lacalle Pou, mais adiante, disse que a água também não será bebível por um tempo, incentivando a população a consumir água engarrafada. Para Susana Montaner, Vice-Presidenta da empresa pública que faz o abastecimento de água, aquilo não era um problema, e sugeriu que as pessoas não comprassem Coca-Cola, mas água engarrafada. Monseñor Sturla, o cardeal da igreja católica e muito próximo do nosso presidente, propôs rezar para que chova como solução.

Ontem, Thereza [Porthes][7] falou sobre como ações poéticas de resistência pela arte pelo absurdo que elas geram, pelo sem sentido que propõem ao ocupar o mundo de uma maneira diferente, são vistas como coisas de loucos, estranhas, que até incomodam. Entretanto, esse tipo de absurdo e sem sentido, para mim, é algo normal, pois acredito que o que tem me caracterizado como artista e como professora é que o sem sentido, o absurdo e o disparate em ações artísticas é o que teríamos que estabelecer para que começássemos a ver o outro sem sentido dos políticos e das multinacionais como uma operação de morte.

Minha relação com Porto Alegre é muito grande. Começa em 2012, quando volto à América do Sul depois de viver 16 anos em Londres. Chego à cidade convidada pelo Atelier Livre[8] para dar uma oficina sobre arte, participação e bairro – assim como é minha prática artística, situada no bairro, pois trabalho com a ideia de artista como vizinho – e também para participar da Semana Experimental Urbana[9], um projeto de artistas independentes [no Festival de Arte Cidade de Porto Alegre]. Quando cheguei, havia uma onda de calor horrorosa, fazia um calor insuportável. Olhei um mapa e vi que havia muita água no Rio Guaíba. Perguntei no hotel como poderia fazer para banhar-me, onde era a praia, e me disseram que a praia estava a duas horas de distância! Como assim, com toda essa água? Comecei a buscar onde

7 Palestrante na abertura do I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação e integrante da Rede Hilo_fio. As inserções entre colchetes são acréscimos da tradutora para completar o que foi dito pela conferencista e para manter o ritmo e a qualidade das relações expressas na oralidade.
8 O Atelier Livre é um dos espaços do Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues, mantido pela prefeitura de Porto Alegre.
9 Ver: https://vimeo.com/54258004



me refrescar porque sentia muito calor. Andava sempre com minha roupa de banho e minha toalha, mas não havia piscinas [disponíveis para uma visitante estrangeira].

Descobri que no passado havia um chafariz na frente do Atelier Livre, mas foi desativado na reforma do ar-condicionado. As oficinas oferecidas pelo Atelier não tinham participantes, pois fazia tanto calor que ninguém ia, então, saí buscando participantes para a oficina e consegui formar um grupo de três. Um deles era engenheiro, e eu disse a eles: vamos tomar um banho? Essa era a minha preocupação. Propus que o engenheiro acionasse o antigo chafariz, mas não foi possível. Para poder fazer uma oficina sobre Arte, Bairro e Participação, primeiro temos que estar bem corporalmente, e com aquele calor não era possível, então era quase uma obsessão poder nos molhar.

Foi interessante observar como era complicado pedir algum auxílio aos funcionários públicos do Atelier [para as oficinas em andamento], pois havia toda a lógica do funcionalismo público junto com “aquela gente de fora, incomodando”. Porém, quando falei em fazer algo para tomar banho, todos os funcionários se mobilizaram muito, e as pessoas que estavam no festival, também. Compraram uma piscina, porque falei em fazer uma fonte com uma piscina plástica, e até foram correndo buscar mangueiras em casa. Construímos uma fonte de banho e maravilhosamente todos usufruíram, alguns ficando em roupas de baixo. Os carros que passavam na rua buzinavam, e nós lá, nos refrescando. Aquilo durou o dia inteiro. Foi uma improvisação construída com alguém comprando uma piscina, outro trazendo uma mangueira, até que apareceram bexigas e bombinhas d’água [feitas com garrafas plásticas]. A diretora do Atelier Livre [Deisy Viola], que era escultora, fez chá gelado e o serviu em uma escultura minimalista de vidro e de sua autoria. Ficamos lá até a noite, na piscina, e essa foi minha chegada em Porto Alegre.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre



Água, Atelier Livre, 2012. Fotografia de Ana Laura López de la Torre.

No Menino Deus [bairro onde se localiza o Atelier Livre] e com o mesmo grupo, fizemos depois o exercício de percorrer o território. Sendo uma oficina sobre arte, participação e bairro, minha pergunta era: com quais comunidades da vizinhança o centro cultural tinha e não tinha relação? As pessoas que frequentavam o Atelier Livre eram de muitas partes da cidade, mas não havia um vínculo entre o centro cultural e as comunidades de seu entorno, então propus que saíssemos para encontrar um ponto de inflexão, a partir do qual se poderia desenvolver uma relação com o bairro. Caminhando, encontramos uma praça pública, muito abandonada, onde encontramos algo [um canteiro cultivado como horta] que notoriamente não era feito pela prefeitura, mas por alguém com quem podíamos estabelecer uma parceria, pois tinha vocação em ocupar o espaço público e fazer coisas por sua conta. Havia uma criatividade muito grande naquela ação. Então, perguntamos quem havia feito aquilo. Soubemos que havia sido a Dona Eva e saímos buscando por ela.



Dona Eva veio do interior para Porto Alegre e vive em no complexo habitacional [Vila Renascença I] vizinho à praça [Lupicínio Rodrigues]. Ela começou a ocupar a praça, fazendo uma horta para ter onde plantar e colonizar aquela praça pública. O encontro com Dona Eva comoveu especialmente uma das participantes, Eliane Bruél, que depois a continuou visitando e desenvolvendo uma relação com Dona Eva e com as crianças da Vila durante todo o ano. Penso que primeiro vem a amizade, os projetos virão por si.

No ano seguinte, em outra edição [do Festival de Arte Cidade de Porto Alegre], o Atelier Livre convidou Thereza Portes, que levou os bordados em toalhas [que realiza em Belo Horizonte] na mesma comunidade onde estive, formando a triangulação das toalhas bordadas entre Porto Alegre, Montevidéu e Belo Horizonte.

Em 2013, fui convidada para participar da 9ª Bienal do Mercosul. Minha proposta foi seguir explorando o problema da falta de acesso ao banho em uma cidade onde faz muito calor. Disseram para mim que em Porto Alegre já teve praias, mas as pessoas deixaram de ir porque a água foi contaminada. Durante todos os meses daquele ano, fui à cidade e comecei a conhecer pessoas que tinham uma relação com o [rio] Guaíba[10]. Ao mesmo tempo das visitas para a pesquisa para a Bienal, estavam se desenvolvendo as rodas de bordado na praça [com Ana Flávia Baldisserotto e Eliane Bruél], então aproveitava as viagens pela Bienal para seguir vinculada à comunidade da Dona Eva, ao bordado feito por Ana Flávia [na praça Lupicínio Rodrigues] e ao bairro Menino Deus.

Para a ação desencadeadora do projeto da Bienal, investiguei o Guaíba percorrendo a orla da Usina do Gasômetro até o Lami, palmo a palmo, de bicicleta. Em certo momento, sentindo muito calor, tirei a roupa e entrei no rio. Senti que algo estava muito ruim, a água era muito espessa e me senti muito estranha. Sabia que estava contaminada, mas não havia entendido até que ponto ia a contaminação. Na altura da Fundação Iberê Camargo, soube que há um pequeno arroio que desemboca no rio e é conhecido como Sangue da Morte, e uma parte do o esgoto

10 O Guaíba é popularmente chamado de rio, enquanto que, cientificamente, é denominado lago Guaíba.



de Porto Alegre sai por ali. Naquela noite, tive uma pequena intoxicação e quando saí da água. Percebi que todas as pessoas que estavam passando pela orla, inclusive minha produtora que me fotografou, estavam horrorizadas por eu ter entrado no rio, mas eu havia visto pessoas fazendo o mesmo, moradores de rua e pessoas que estavam pescando. Há um perfil econômico e racial em relação a quem se anima ou precisa usar o rio para pegar um peixe ou para tomar um banho.



Pesquisa para *Um dia de Praia*, 9ª Bienal do Mercosul, 2013. Fotografia de Carla Borba.

Foi um projeto muito grande, com muitas pessoas envolvidas. Fizemos “Um dia de Praia”, uma jornada em setembro [de 2013], que iniciou às sete da manhã e terminou às onze da noite. Em um momento do dia, fizemos um banho coletivo [no Guaíba]. Uns dois ou três malucos entraram na água comigo. Essa é uma parte da história sobre como conheço Porto Alegre e como isso gerou diversas amizades, muita vida e parcerias de trabalho com a gente linda dessa parte do mundo.

Em 2017, ingresso por concurso na Universidade [*Universidad de la Republica - UDELAR*], na Faculdade de Artes, que tem uma tradição moderna modelada sobre a Bauhaus. Por isso, as cátedras chamam-se ateliês e são dirigidos por artistas que lhes dão nome, o que, para mim, foi muito estranho, mas é assim.



Sou a primeira mulher da história da Escola de Belas-Artes a ocupar uma cátedra. Também foi a primeira vez em que entrava alguém na escola para dirigir um espaço com prática artística contemporânea, coletiva, participativa, desmaterializada e comunitária. Essa entrada foi complexa, [pois] a instituição é muito patriarcal.

A proposta do meu ateliê não é muito ao gosto dos estudantes e recebe menos matrículas que os demais, sendo que quase todas são de mulheres. Trabalhamos na modalidade de construção de um espaço pedagógico e de cocriação, assim como é minha produção artística; criar improvisadamente o que precisamos para o momento, tentando transportar isso para a prática pedagógica. Meu atelier [*Taller López de la Torre*] sempre teve foco em práticas participativas, todavia decidi levar isso mais adiante com a chegada da pandemia. Nos primeiros anos, as aulas foram mais tradicionais no sentido da produção individual, acomodando a expectativa dos estudantes em aprender arte, tornar-se artista e ter uma produção profissional. Na pandemia, me senti realmente muito interpelada, pois se parecia que tudo ia mudar, eu queria que tudo mudasse mesmo.

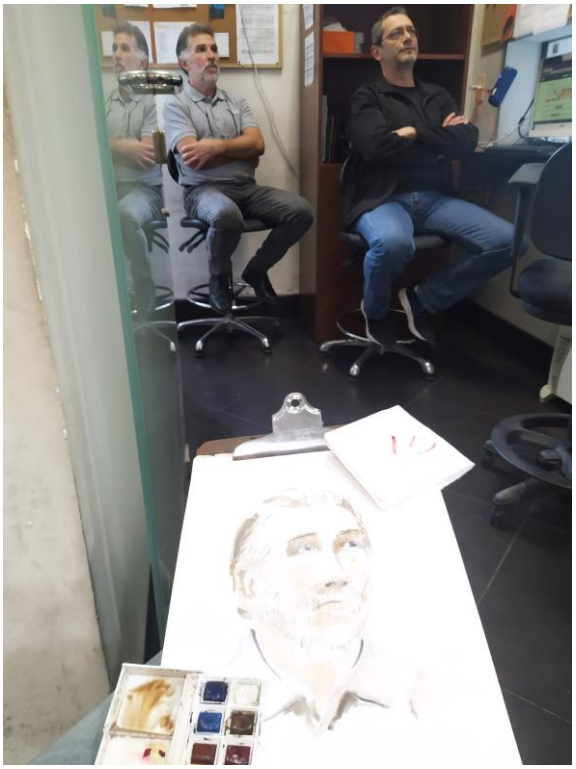
Em março de 2020, a universidade estava fechada. Consultei os estudantes que queriam encontrar-se presencialmente, então nossa aula ocorreu na rua. Houve quem não podia sair porque estava doente ou cuidava de pessoas idosas, mas sempre buscamos gerar espaços de encontro físico, de ocupação do espaço público e pessoas em tais situações não vinham. Também havia aulas em uma sala virtual como complemento.

No atelier, há muitas atividades que buscam gerar uma outra organização que permita que façamos coisas juntos, como cozinhar, convertendo a sala de aula em uma cozinha, com uma organização muito flexível, na qual todos assumem uma pequena responsabilidade. Não há muita estrutura e parece que nada vai acontecer, mas acontece, e acredito ter aprendido isso com a prática de como fazer com que as pessoas espontaneamente possam compartilhar e organizar-se sem produzir estruturas rígidas, nas quais haveria encarregados das coisas. É mais gerar uma sensação de estar disponível para os demais e assumir a responsabilidade possível por obrigação com o outro, uma ideia de obrigação mútua em vez de uma hierarquia



do tipo “eu posso fazer isso porque sei fazê-lo”. Isso também é uma forma de articular a docência com o que pratico na arte.

Depois da pandemia, também houve algumas mudanças no grupo docente, pois nem todos compartilham dessa ideia de arte como forma de estar no mundo. Dei-me conta de que tinha muitos espaços pedagógicos que funcionavam em uma lógica mais individualista, de criação e produção de arte para o mundo da arte. Hoje, o atelier tem uma proposta maior de cursos, espaços e trabalhos que tem a ver com propor e fazer algo coletivamente, juntos, por meio do aprender algo concretamente, como o laboratório de retratos. Para aprender a retratar pessoas com desenhos, fizemos o exercício de retratar todos os funcionários da nossa faculdade, que são mantidos invisíveis na universidade: porteiros, faxineiros, bibliotecários, secretários. Aquelas pessoas ficaram felizes com seus retratos, e agora estamos trabalhando com elas na produção de uma exposição.



Laboratório de retratos, Taller López de la Torre, 2023. Fotografia de Elena Saccone.



Em outro curso deste ano [2023], o *Laboratório de produção editorial*, fizemos um jornal mural editado coletivamente, e, obviamente, os estudantes escolheram um tema bastante politizado. Quando se abre a possibilidade, ocorre todo tipo de propostas, inclusive algumas um tanto ilegais. A universidade pública está muito visada porque temos um governo neoliberal que está buscando desculpas para acusar a universidade de ser um foco de subversão. Então, é complicado cuidar a maneira como nos projetamos para fora. Ainda assim, fizemos quatro números do jornal. Seu nome é *La Canilla* [A Torneira] e também está exposto em espaços públicos, como paradas de ônibus, sobre as publicidades. Temos um acordo tácito de que, se houver questionamento por parte de alguma autoridade, há uma autoproteção entre todos, pois "não sabemos como aquele mural foi parar lá".

No meio da crise da água, o Ministério do Meio Ambiente promoveu uma feira sustentável, na qual havia, por exemplo, estandes da Coca-Cola e da UPM, uma empresa florestal finlandesa que tem grandes plantações de eucalipto em todo o território uruguaio. Toda a madeira que sai pelo porto de Montevidéu sem pagar impostos, pela zona franca, é parte da operação extrativista. Cheguei na aula irritada quando soube que tal empresa tinha um estande na feira sustentável, e os estudantes também estavam irritados com aquilo. Disse: eles estão nos ferrando! Teríamos que ir cada um com uma letra, parar na frente do estande e dizer: "vocês estão nos ferrando". Os estudantes disseram: "vamos fazer isso!" E, então, fomos. Há pessoas que estão mobilizadas em organizações espontâneas. São, em geral, muito jovens, protestando pela situação da água, consequência das políticas econômicas, das políticas ambientais, do relacionamento com os grandes capitais, políticas implementadas pelo governo neoliberal, mas também por governos progressistas. Há uma banda *punk* do País Basco, a Kortatu, que gosto muito, que já dizia, ao final dos anos 1980, que, *mesmo com tudo perdido, sempre é possível perturbar*. Talvez não haja uma grande mobilização social contra essas hipocrisias, mas podemos fazer um pequeno gesto que diga que estamos nos dando conta, não estamos tão cegos.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre



A*ção na Expo Sustentable*, Taller López de la Torre, 2023. Fotografia de Sofía Ferreyra.

Fiz esse preâmbulo para dizer por que estou aqui. Quero, agora, falar de um curso da minha cátedra, o que tem mais a ver com minha prática artística e cidadã e com o que acredito que deveria ser a educação universitária. O curso é um Espaço de Formação Integral (EFI), chama-se Arte, Bairro e Ação Social e está na quarta edição. Pelas normas, esse tipo de curso deve integrar duas das três funções universitárias (pesquisa, ensino e extensão), e este EFI combina todas. Temos um currículo que ensina arte colaborativa, participativa, situada em contextos comunitários. No bairro, o trabalho que fazemos é pesquisar, investigar a história, a realidade do bairro, o que gera um conhecimento que procuramos sistematizar e apresentar em publicações impressas e distribuídas na comunidade. Não são publicações acadêmicas, porque são destinadas ao bairro, com conteúdos gerados pelos estudantes e também pela vizinhança. A dimensão de extensão está nessa ação social, pois a proposta desses projetos é de cocriação com o bairro para atender à tarefa da universidade, além de criar um diálogo de saberes, um encontro entre o saber acadêmico com o saber popular.



É um curso anual, tem 12 créditos, e é exigente, pois os estudantes têm três horas semanais de aula no bairro, devendo dedicar ao menos três horas a mais para estar no bairro fazendo outras coisas. A sala de aula está instalada lá mesmo, em espaços culturais autogeridos por coletivos locais. Essa foi uma decisão muito consciente do corpo docente, pois não queríamos estar em outra instituição, mas em um espaço realmente independente. Além disso, que não funcionasse por um acordo interinstitucional, mas por um acordo de palavra pelo qual a universidade se instalaria ali e se comprometia em fazer algo em benefício daquele espaço, habitando toda a precariedade dos espaços que funcionam de forma autônoma.

Somos três professoras na equipe docente. Duas são arquitetas (Lucía Segalerba e María Queijo), e eu sou uma artista que vem das artes participativas e colaborativas e da organização comunitária. Sempre trabalhei como ativista em bairros e também trabalhei como docente de Gestão Cultural, e tenho ganhado a vida sendo gestora cultural. As colegas trazem sua expertise sobre arquitetura e urbanismo participativo.

O curso é aberto para estudantes de todas as áreas que, às vezes, se inscrevem, mas desaparecem no percurso. Já tivemos alunos da arquitetura, da educação física e do serviço social, mas que não ficaram muito tempo. Estar por longos períodos no bairro é diferente da lógica mais comum da extensão, que seria ir ao bairro e fazer uma atividade curta e definida, já sabendo qual vai ser o resultado. A extensão, às vezes, também funciona com a universidade assistindo tecnicamente algum processo na comunidade. Nossas turmas são prioritariamente formadas pelos alunos do meu atelier e, de um grupo de 40, geralmente cinco, seis ou sete pessoas se aventuram nisso. Com o decorrer do tempo, adquirimos experiência para perceber quem aguentará firme, ficando durante todo o ano pegando ônibus para se deslocar ao bairro onde trabalhamos. Geralmente, há um perfil de quem mantém o compromisso: são ativistas, educadores sociais ou docentes na educação fundamental ou média, sendo essas as outras vocações que fazem com que os estudantes se mantenham no curso.



Os vizinhos que participam geralmente são ativistas no bairro e contribuem na organização social, mas também há artistas locais que, a princípio, ingressam ao EFI porque, não tendo uma formação acadêmica ou uma boa experiência universitária, pensam que ali terão acesso à formação que não tiveram. No entanto, encontram toda essa outra coisa de que gostam muito. Vizinhos que são docentes também participam do curso, então esses são os perfis mais frequentes.

O curso implica: assistir as aulas semanais no bairro, desenvolver uma pesquisa pessoal que conecte com algo que já aconteça no bairro ou com a vizinhança, em uma organização ou com um vizinho em particular, sempre havendo uma cocriação pela qual os saberes acadêmicos e a arte que trazemos conosco são postas em diálogo com o que as pessoas de lá já sabem. Uma coisa que exigimos dos estudantes é que participem e contribuam ao que acontece na comunidade. Trabalhamos nessas três linhas, portanto.

No currículo do curso, trabalhamos com metodologias que vêm das artes, como as práticas artísticas colaborativas e participativas, ferramentas que vêm da arte de ação e da performance, do caminhar como prática estética – esta muito atravessada pelo imaginário da Internacional Situacionista –, entendendo a cidade como um espaço político, de resistência, além da ideia de subversão a partir do jogo. Também trabalhamos na tradição do *punk* e em práticas do movimento anticapitalista a autogestão e a postura de que podemos fazer tudo o que queremos a partir de nós mesmos, pois não precisamos de orçamentos, nem de *designers*. Acessei esse imaginário por viver muitos anos na Inglaterra, onde os movimentos anarquista, anticapitalista e *punk* tinham e ainda têm muita força.

Contamos com ferramentas e conceitos de tradições que entraram na academia pela extensão, como a Pesquisa-Ação (Orlando Fals Borda), a Educação Popular (Paulo Freire), a Sistematização de Experiências (Oscar Jara) e a História Oral como metodologia de entrevista. Além dessas, mobilizamos as ferramentas da organização cultural comunitária, em diálogo com a Cultura Viva Comunitária, que é



um movimento latino-americano[11]. Da parte de minhas colegas arquitetas, temos o Urbanismo Participativo e o Urbanismo Afetivo, formando um conjunto bem heterogêneo de ferramentas e metodologias.

No marco conceitual, trabalhamos fortemente com três conceitos: comunidade, participação e território. Em comunidade, nos distanciamos da ideia de comunidade com base identitária. Preferimos ancorar a ideia de comunidade à ideia de comum, da produção do comum e dos comuns anticapitalistas. O comum não é algo a ser administrado entre todos, é algo que produzimos, assim mantemos um distanciamento da constituição dos comuns neoliberais. Também temos a ideia da comunidade como uma obrigação, que também é a ideia da ajuda mútua do anarquismo, isto é, estamos em comunidade não porque somos iguais ou compartilhamos uma identidade, mas estamos em comum porque eu sou obrigada a te ajudar, e tu, a mim. É a ajuda mútua como obrigação em direção ao outro. Também temos a comunidade como um espaço transdisciplinar, no qual se pode fazer essa ecologia de saberes, em que há muitos saberes distintos que podem ser articulados e compartilhados.

Sobre participação, o marco teórico e conceitual que trazemos vem muito da reflexão da cena da Nossa América, sobretudo sobre democracia participativa, democracia cultural, descentralização. Hoje mesmo comentávamos sobre o imaginário que surgiu em Porto Alegre, nos anos 1990, com o primeiro governo do Partido dos Trabalhadores, quando havia muito diálogo com Montevidéu. Foram experiências muito significativas, e existem reflexões ainda hoje sobre qual é o estado das nossas democracias participativas, o que acontece com a participação e a crise que lhe atinge. Entendemos a descentralização como a devolução de recursos, realmente liberá-los e devolvê-los às pessoas para que façam o que quiserem com eles. A nossa ideia de democracia cultural tem a ver com isso.

Em território, trabalhamos a noção de que dentro de um bairro existem muitas territorialidades. Muitas vezes, o trabalho artístico nas comunidades e nos bairros se apoia nessa ideia de identidade comum. Geralmente, o que ocorre é que se adota

11 Ver: https://culturavivacomunitaria.net/



uma identidade que, por algum motivo, é considerada boa e heroica. Quando todos aceitam isso, são excluídas as pessoas que não fazem parte daquela história ou que são vistas como antagonistas. Preferimos, então, não considerar o bairro como um espaço homogêneo, no qual se constrói uma identidade que gere coesão, mas um espaço para poder falar de passados e de presentes conflitantes.

O conceito de multiterritorialidade de Rogelio Haesbaert, conterrâneo de vocês, permite entender que também habitamos múltiplas territorialidades. Nossa identificação com o bairro está acompanhada da nossa identificação com a família, com as redes sociais e até com alguém que mora no Japão ou qualquer outro lugar. Portanto, temos que lidar com todos esses níveis de territorialidades.

O curso se desenvolveu em ambas as margens do arroio Miguelete, que, de um lado, tem o *Pueblo Victoria* e, do outro, o bairro *Capurro*. São bairros históricos, onde eram marcados e colocados em quarentena os africanos sequestrados e escravizados, além de locais de extração de pedra que, ao serem desativados, tornaram-se áreas abandonadas. Mais tarde, receberam a instalação de indústrias têxteis e metalúrgicas, e o resultado disso é que ambos se transformaram em bairros de operários com um arroio totalmente poluído. Os moradores fizeram muitas campanhas para que as áreas fossem recuperadas. Chegamos a trabalhar com uma comunidade que vive assentada em uma antiga pedreira.

As indústrias foram embora, pois o país se desindustrializou, e há um processo de recuperação do arroio, que já está livre de contaminação industrial. Descobrimos que no bairro *Capurro* havia uma praia onde foi construída uma refinaria de petróleo, nos anos 1950, e que, atualmente, recebeu uma autoestrada que cortou todo o acesso à costa do rio. Foi feita nos três primeiros meses da pandemia, quando todos estavam encerrados em casa. A máquina extrativista nunca para.

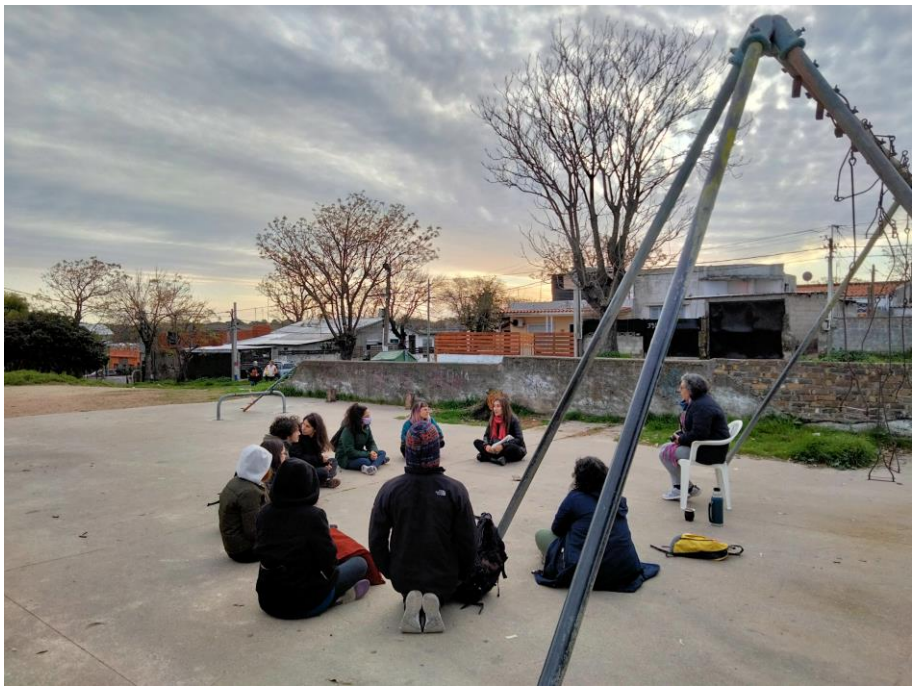
O primeiro lugar onde estivemos foi um centro cultural comunitário que se chama *Casa de Mario*[12]. Era a casa de Mario Benabbi, um morador do bairro, ativista comunitário, militante, fotógrafo e desenhista. Ele deixou a sua casa para a

12 Ver: https://sites.google.com/view/archivofotograficomariobenabbi/p%C3%A1gina-principal



comunidade, que foi convertida em um centro cultural onde está o arquivo fotográfico de toda a história do bairro, de casamentos a batismos, manifestações, partidas de futebol, tudo. O acervo tem cerca de 10 mil negativos do final dos anos 1960 até 2006, quando faleceu.

Nas salas de aula, habitamos a precariedade de lugares onde, se chove dentro, não há dinheiro para fazer a manutenção, mas que nos dão a chave em uma relação de confiança total. Adotamos a prática de fazer a aula na calçada para que a vizinhança nos veja e possa somar-se a nós, pois ocupamos em um espaço que é conhecido. Nós nos demos conta que os participantes formavam um grupo mais de classe média, de pessoas interessadas em artes e cultura. Porém, muito perto dali, havia zonas com moradias mais pobres, e passamos a ficar mais tempo por lá, numa praça chamada pelas crianças de *Plaza Rota* [Praça Quebrada] – vocês podem imaginar o porquê. Lá, fizemos um vínculo com crianças e adolescentes, buscando desenvolver a sua capacidade para a auto-organização por meio da arte.



Aula na Plaza Rota, Pueblo Victoria. EFI Arte, Bairro e Ação Social, Taller López de la Torre, 2021. Fotografia de Lucia Segalerba.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Trocamos para o bairro *Capurro* depois de dois anos, mas permanecemos mantendo o vínculo com *Pueblo Victoria*. Vamos nos movendo dentro do bairro, nas suas territorialidades. Em 2023, temos aulas na sede do Clube de Criação de Pombas Mensageiras e temos com eles uma relação incrível. Esse ano é particular porque temos mais participantes da vizinhança do que estudantes da universidade, e há alguns que vêm de outros bairros. Recebemos também estudantes de intercâmbio, e exijo que participem do curso no *Capurro*. Ocupamos o bairro de maneiras diferentes. Fazemos caminhadas e práticas de improvisação. Fizemos, por exemplo, a recriação de grandes obras de arte no bairro. Reconstruímos a *Escola de Atenas*, de Rafael, *O Juízo Final*, de Michelangelo, e a vizinhança vai ajudando no empréstimo de objetos para construir as cenas. Para nós, o sem sentido também é gerar alegria. Nem tudo nesse mundo precisa ser tão duro e triste. Precisamos rir um pouco.



Recriação da Escola de Atenas, de Rafael. EFI Arte, Bairro e Ação Social, Taller López de la Torre 2022. Fotografia de Lucia Segalerba.

Para participar no que o próprio bairro organiza, contribuímos a partir do nosso lugar nas artes. Quando ocorreu o centenário do nascimento do Mario, o



fotógrafo, o centro cultural organizou uma celebração com comidas feitas pelo *chef* do bairro e nosso padrinho gastronômico. Fizemos 100 *muffins*, colocamos em um carrinho com as fatias da torta da comemoração e saímos distribuindo para pessoas que não participavam do centro cultural, mas que poderiam participar da celebração. Em 2020, decidimos acompanhar uma *olla popular* [panela popular[13]] administrada por torcedores do time local de futebol. Um dos estudantes os acompanhou por todo o ano e terminou realizando um projeto com aquela torcida. Nos lugares que ocupamos, fazemos a limpeza dos banheiros e da cozinha, além de pequenos reparos no prédio. No arquivo de Mario, fizemos a limpeza, a organização dos seus desenhos e a digitalização de negativos fotográficos.

Também geramos uma série de eventos públicos criados coletivamente entre estudantes e vizinhos, saindo um pouco das datas comemorativas, inventando eventos estranhos divulgados pela distribuição de cartazes criados pelos estudantes. Uma visitação pelos espaços culturais de bicicleta, uma maratona de desenho, uma competição de triatlo em bares e cantinas, com levantamento de copos, lançamento de palavras e jogos sincronizados são alguns exemplos. O triatlo foi um êxito e tivemos que repetir no outro bairro, fazendo um evento compartilhado entre *Capurro* e *Pueblo Victoria*.

Em 2021, ainda em pandemia, estávamos todos muito cansados da Covid, quando surgiu a ideia de fazer o *Enterro del Cobicho* [enterro da Covid[14]]. Fizemos um grande vírus com caixas de ovos, chamamos o grupo de tambores do bairro e levamos tochas com fogo, feitas no atelier de escultura da faculdade. Não esperávamos uma resposta tão grande do bairro, porém as pessoas vieram em massa e foi incrível. As crianças distribuíram papeizinhos na beira do arroio

13 Panelas comuns ou panelas populares são ações comunitárias autogeridas e independentes que atuam na redução da fome. A origem está associada à crise econômica da década de 1930, em Santiago, no Chile, quando alimentaram especialmente migrantes, desempregados do trabalho nas salinas. Durante a pandemia por Coronavírus, as panelas populares se multiplicaram por países da América Latina. No contexto brasileiro pode-se pensar em cozinhas populares.

14 Podemos também pensar nas gírias *coronga* ou *corona*, usadas no Brasil para denominar a Covid-19.



Miguelete para que as pessoas escrevessem o que queriam queimar – que coisas ruins que foram trazidas pela pandemia e queriam que desaparecessem.



Entierro del Cobicho. EFI Arte, Birro e Ação Social, Taller López de la Torre, 2021. Fotografia de Lucia Segalerba.

Convidamos uma comunidade indígena que vive no bairro. O extermínio de indígenas no Uruguai foi muito grande, e, hoje, está renascendo um movimento em pequenos grupos em comunidades urbanas. Estavam um pouco receosos em participar, pois há muito preconceito e descrédito sobre a ancestralidade. Na queima do vírus, eles fizeram um ritual de purificação e foi muito bonito, porque a maior parte de quem participou do evento vinha de contextos economicamente marginais.



Aquelas pessoas se conectaram imediatamente com o ritual. Foi muito emocionante e comovente, produzindo uma relação muito forte entre nós e o bairro e que mantemos até hoje.

Mais na parte de pesquisa, colocamos um mapa do bairro na parte de fora de uma escola para que fosse preenchido com histórias. A partir disso construímos uma linha de tempo do bairro, investigamos o arroio e toda a história da sua contaminação. Houve uma mostra fotográfica e fizemos duas publicações, *Abrazando el Barrio* e *La otra orilla: Pueblo Victoria-Capurro*[15], obviamente, lançadas na rua.

Uma das pesquisas dos estudantes interessou-se pelos pequenos armazéns do bairro e como os supermercados estão fazendo com que desapareçam. Surgiu a história de que os proprietários dos armazéns tinham uma rede para comprar juntos e conseguir preços mais baratos, ainda que fossem concorrentes entre si. É a história de uma outra forma de viver, na qual se pode ter um negócio sem matar o vizinho que tem o mesmo negócio que você.

Alunas se dedicaram a navegar no arroio Miguelete e encontraram um vizinho que estava construindo um veleiro. Assim, elas construíram uma jangada e conseguiram navegar no rio. Outro grupo se dedicou a criar um espaço de investigação têxtil, pesquisando a história da indústria têxtil e das mulheres que trabalharam com isso no bairro. Um trabalho coletivo foi feito entre as estudantes e as mulheres da comunidade, criando um grupo lá radicado e atuante até hoje, chamado *Mostramos la Hilacha* [Mostramos os Fiapos]. No bordado, os estudantes ainda fizeram ações sobre os desaparecidos políticos, expandindo-se também para a prática de bordado nas toalhas[16].

Quando cheguei aqui [na UERGS], em Osório, encontrei uma árvore exatamente igual a uma árvore que está no bairro *Capurro*. É uma *anacahuita*

15 As publicações podem ser acessadas em: https://cloud.enba.edu.uy/index.php/s/Cp8db7AWCeoBYKd

16 Toalhas que são bordadas em ações que tomam parte da Rede Hilo-Fio.



[aroeira-mansa], é uma árvore-banco, como a que está aqui. Vocês dirão que a magia social não existe? *Capurro* e Osório estão em um coração só.





*Árvores-banco. B*airro *Capurro*, em Montevidéu, e Unidade Litoral Norte da UERGS, em Osório, 2023. Fotografias de Ana Laura López de la Torre.

Referências:

TORRE, Ana Laura López de la. [Conferência]. *Arte, barrio y acción social: sorteando los muros de la instituición educativa*. **Encontro Internacional Arte, Comunidades e Educação**, I, Osório (RS), 2023.

REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Ana Laura Lopez de la Torre
Professora titular da *Facultad de Artes* da *Universidade de la República* (Montevidéu, Uruguai) e da Pós-graduação no curso de Especialização em *Gestión Cultural, del Área Social y Artística* da mesma universidade.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9230-2687
E-mail: lopez.analaura@gmail.com

Carmen Lúcia Capra
Professora e pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) na Graduação em Artes Visuais: licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), foi a tradutora da conferência.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0185-7634
E-mail:carmen-capra@uergs.edu.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 30 de janeiro de 2024
Aceito em 31 de janeiro de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
Editores Convidados: Carmen Lúcia Capra (PPGED da UERGS) e
Leonardo Marques Kussler (PPGED da UERGS)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível
em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/